

O bullying no centro do debate

Nosso Mundo

O bullying no centro do debate

EUA | ONG da cantora Lady Gaga e tocante documentário expõem a violência juvenil

POR EDUARDO GRAÇA, DE NOVA YORK*

UMA DAS cenas mais impressionantes de *Bully*, o documentário assumidamente militante de Lee Hirsch em cartaz nos Estados Unidos, se dá na sala da casa de Alex Libby, 12 anos, na fronteira dos estados de Iowa e Nebraska, no coração da América profunda. Os pais do menino, uma criança tímida que usa óculos fundo de garrafa e carrega marcas físicas do nascimento prematuro, veem pela primeira vez o que o público das salas de cinema constatou, horrorizado, minutos atrás: os ataques, verbais e físicos, por que Alex passa diariamente ao tomar o ônibus escolar. Ao choque dos pais segue-se a reação doída do menino: "Mas o que eu posso fazer? Eles são os únicos amigos que tenho".

A sequência segue com a visita dos pais ao colégio local, onde são recebidos pela diretora, interessada em minimizar as seguidas agressões. Seu discurso, centrado na premissa de que "meninos serão sempre meninos", serve de contraponto ao cerne do filme de Hirsch: o que antes era visto como fato inevitável no processo de amadurecimento do indivíduo é cada vez mais percebido como um problema social ou mesmo caso de saúde pública, e não apenas nos EUA.

Especialista em infância e adolescência, o psiquiatra brasileiro Gustavo Teixeira, professor da Universidade Estadual de Bridgewater, em Massachusetts, e com consultório no Rio de Janeiro, acaba de lançar *Manual Antibullying - Para alunos, pais e adolescentes* (Editora Best Seller), em que discute estratégias para os responsáveis detectarem e ajudarem na prevenção do problema. "É importan-



O que antes era visto como fato inevitável no amadurecimento do indivíduo é cada vez mais percebido como problema social

Crueza. O diretor Lee Hirsch montou sequências devastadoras

te definir bem o que é o *bullying* escolar, para combatê-lo de forma ideal. Ele se dá quando há uma relação de poder desigual entre dois indivíduos e pela frequência com que a criança ou o adolescente sofre atos de violência física ou moral."

Teixeira constata a explosão de um "processo de conscientização", tanto nos EUA quanto no Brasil, referente às di-



mensões do problema. "Crianças que sofrem *bullying* têm mais problemas de aprendizado. O investimento em uma estrutura de apoio tanto na escola quanto em casa é fundamental e faz sentido também do ponto de vista econômico."

Recentemente, a Universidade Federal Fluminense (UFF) anunciou os resultados de uma pesquisa inédita realizada de 2010 a 2011 em 53 escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro e em dois dos mais populosos municípios da região metropolitana, Niterói e São Gonçalo, em que identificou a ocorrência de casos constantes de violência contra alunos em 68% das instituições de ensino. Mais: em 85% das escolas, psicólogos não fazem parte da folha de pagamento. Assistentes sociais também são artigo raro. "Como começamos a lidar com o problema de forma mais clara muito recentemente, infelizmente ainda contamos com poucas iniciativas e projetos de lei que insinuem o estabelecimento de uma política de Saúde Pública nacional de combate ao *bullying* no Brasil", acrescenta Teixeira.

Em 2010, a ONG Plan Brasil completou a pesquisa Bullying Escolar no Brasil, de âmbito nacional, em que quase 70% dos estudantes disseram ter presenciado

O bullying no centro do debate



FOTOS: THE WEINSTEIN COMPANY



Persona. Libby (acima) não consegue se defender dos maus-tratos dos colegas

atos de violência sistemáticos, praticados ao menos três vezes contra a mesma vítima no mesmo ano letivo. Os dados, referentes a 2009, foram computados em 5.168 entrevistas com alunos de escolas públicas e privadas do País.

Nos EUA, uma das figuras públicas mais progressistas do universo pop, a cantora Lady Gaga, veio a público em março anunciar que, como ex-vítima de *bullying* em Nova York (entre as malvadezas por ela sofridas estava a de ser jogada dentro das especialmente fétidas latas de lixo da maior metrópole americana), decidira criar a Fundação Born This Way – algo como “nascido(a) deste jeito” –, uma parceria com a Universidade de Harvard. Um dos objetivos da instituição é desenvolver iniciativas de combate ao *bullying*, visto não apenas como uma das formas mais covardes de violência, mas como inibidor da excelência acadêmica. Lady Gaga, estudante exemplar, chegou a considerar deixar os estudos de lado para evitar a perseguição em sala de aula. “Mas a fundação não é de forma alguma um ato de vingança. Quero, por meio dela, aprofundar-me mais sobre as raízes das diversas formas de injustiças sociais e mobilizar jo-

vens para ajudar a modificar o *status quo*”, declarou, em Cambridge, Massachusetts, no lançamento da Born This Way.

Do outro lado do país, na sessão de *Bully* em Los Angeles, a reação do público beirou a catarse. Do choro contido em cenas de desabafo das vítimas ao desaguar sonoro causado pela informação de que dois dos cinco adolescentes focados pela câmera de Hirsch se suicidaram, *Bully* não é uma experiência pueril. A mobilização pública que acontece em uma cidade da Geórgia depois de o adolescente Tyler Long, de 17 anos, tirar a própria vida, proporciona um dos momentos mais reveladores do filme, ao sacudir pais e educadores de um aparente estado de letargia. Mas o aspecto mais incômodo do lado de cá da tela foi a ausência do público-alvo preferencial do filme: não havia adolescentes desacompanhados na plateia.

O aparente deserto juvenil se deu por conta da decisão do organismo responsável por determinar a faixa etária indicativa de cada filme, a Motion Picture Association of América (MPAA), de classificar o filme como de projeção restrita (R), com menores de 17 anos liberados nas sessões apenas com autorização dos pais ou de um guardião legal. O motivo? Expressões

chulas ditas pelos meninos que agrediram Alex Libby no ônibus escolar. Curiosamente, nas salas ao lado da ocupada por *Bully*, adolescentes de 13 anos conferiam livremente o arrasa-quarteirão *Jogos Vorazes*, em que jovens se matam em um *reality show* perverso realizado em um universo distópico. No mundo nem sempre maravilhoso de Hollywood a violência realista da fantasia *Jogos Vorazes* é menos perigosa do que as ameaças cruas do cotidiano apresentadas em *Bully*.

A decisão gerou protestos de gente como Meryl Streep, Johnny Depp, a apresentadora Ellen DeGeneres, as cantoras Katy Perry e Lady Gaga e o apresentador da CNN Anderson Cooper, todos recrutados pelo distribuidor de *Bully*, Harvey Weinstein, que prometeu fazer campanha para o documentário no próximo Oscar. A estrela *teen* Demi Lovato pediu a seus seguidores no *twitter* assinarem um abaixo-assinado na internet, iniciado pela adolescente Katy Butler, para forçar uma reavaliação da MPAA. Depois de tamanha pressão, o filme acabou por receber a mesma graduação de *Jogos Vorazes*. ●

*Leia a íntegra da reportagem em www.cartacapital.com.br